

**Ativos** Investidor vê chance de vitória republicana na Casa Branca e no Congresso, o que afeta emergentes, já sob efeito da queda do petróleo

# Pressão do exterior leva dólar ao maior nível em dois meses

Arthur Cagliari, Gabriel Caldeira e Victor Rezende  
De São Paulo

Durou pouco o bom humor dos mercados locais com as sinalizações fiscais mais positivas emitidas pelo governo. O exterior voltou a dominar os movimentos dos ativos domésticos e o aumento nas apostas em uma vitória do republicano Donald Trump na eleição presidencial dos Estados Unidos afetou em cheio os mercados emergentes. O tombo sofrido pelos preços do petróleo também teve peso na sessão, marcada pelo salto do dólar e dos juros futuros.

Ganhou força, nas bolsas de apostas, a chance de uma vitória republicana tanto na Casa Branca quanto no Congresso, o que configuraria uma "red wave" (onda vermelha, a cor do partido). O site de apostas Polymarket, que compila as opções que envolvem tanto o vencedor da disputa presidencial quanto a maioria na Câmara e no Senado, passou a indicar 40% de chance de "red wave", o que assistiu os mercados emergentes. No mercado local, o dólar subiu 1,33%, cotado a R\$ 5.656, maior nível em dois meses, enquanto,

nos juros futuros, a taxa do DI para janeiro de 2029 saltou de 12,633% para 12,77%, fechando na máxima do dia. A taxa abandonou a queda vista durante a manhã, quando os sinais do governo sobre uma contenção de gastos tiveram peso. O Ibovespa fechou com leve avanço de 0,03%, aos 131.043 pontos.

A sinalização do governo não bastou para dar suporte ao real e à queda dos juros futuros. A possibilidade de vitória de Trump passou a falar mais alto nos negócios e afetou, em especial, moedas da América Latina. No fim da tarde, o dólar subiu 1,50% contra o peso mexicano, 0,83% frente ao peso colombiano e 1,42% ante o peso chileno.

"Se Trump confirmar o que as bolsas de apostas estão indicando, o dólar tende a ficar mais forte em um primeiro momento", diz o chefe de investimentos (CO) da EQJ Asset, Ricardo Cará Monteiro. "A dinâmica da nossa moeda tem uma questão global muito grande. Dependemos do estrangeiro e de elevar o dólar mais fraco no mundo para alocar recursos no Brasil".

Outem, Trump realimentou em entrevista sua proposta de elevar radicalmente as tarifas sobre importações, o que teria pressionado ainda

mais as moedas de emergentes, que já eram penalizadas pelo tombo do petróleo no exterior, resultado da retirada de prêmios relacionados ao conflito no Oriente Médio e da perspectiva de demanda fraca.

Para o executivo da EQJ Asset, as medidas tarifárias de Trump não necessariamente terão como foco principal o Brasil, mas o fato de afetar o México tem impacto nos ativos da América Latina como um todo. "Tais medidas não chegam a ter uma grande relevância para nós, mas, quando o México sofre, invariavelmente o Brasil sofre, porque estão no mesmo grupo de emergentes. São mercados com dias das piores moedas do ano. Se tivéssemos com a casa mais 'arrumada', talvez não fôssemos tão afetados", diz Cará Monteiro.

Entre participantes do mercado, possíveis explicações para o au-

**12,77%**  
foi a taxa do DI para  
janeiro de 2029, que  
fechou na máxima



Monteiro: Se Trump confirmar o que apostas indicam, dólar tende a ficar mais forte em um primeiro momento

mento nas apostas em uma "red wave" estão tanto na escalada das tensões no Oriente Médio quanto nos efeitos do furacão Milton. Além disso, há quem observe que algumas pesquisas, mesmo que de menor qualidade, têm apontado para uma alta nas intenções de voto em Trump nos últimos dias.

"No final de setembro, estávamos com 50/50 de probabilidade. Hoje, o máximo que dá para dizer, considerando alguma evolução do Trump, é que ele tem 52% de chances de vencer. Isso com muita benevolência. Ou melhor, ainda não suficiente para que dê para se posicionar no mercado com muita confiança", diz o economista-chefe da Quantitas, Ivo Chermont, em artigo publicado ontem.

O profissional, que tem se mostrado bastante atento às eleições presidenciais americanas, observa que a confiabilidade dos números das pesquisas continua a gerar debate entre os participantes do mercado, ao notar que elas não tiveram um bom desempenho nem em 2016 nem em 2020 para captu-

rar as intenções de voto em Trump. Neste momento, Chermont diz manter uma previsão de 50/50 em relação ao resultado da eleição presidencial nos EUA ou 52/48 a favor de Trump, diante da alta incerteza em relação ao cenário.

Na avaliação de Cará Monteiro, da EQJ Asset, para que os ativos domésticos consigam surfar bem um cenário externo mais turbulento, seria necessário um ambiente interno mais positivo. Ele nota que o real tem tido dificuldade de aproveitar as narrativas que o beneficiariam, como a perspectiva de aumento do diferencial de juros. "Isso porque carece de um gatilho fiscal. Em toda a minha experiência no mercado, sempre que a questão fiscal surgiu como uma preocupação, apareceu junto o temor de que a taxa de juros não fosse suficiente para segurar a inflação e para a ancorar a moeda", afirma.

Há no mercado quem já avente a possibilidade de o Brasil enfrentar em breve um quadro de dominância fiscal — caracterizado pela diminuição ou anulação do efeito

da política monetária por conta de um nível elevado da dívida pública. Para o economista-chefe da BB Asset Management, José Maurício Pimentel, não há evidência empírica de que o Brasil passa por um cenário do tipo, mas esse ambiente é factível caso as expectativas do mercado se deteriorarem.

"O que o mercado vem fazendo é colocando preços na curva de juros por uma perspectiva fiscal que se deteriora ao longo do tempo. Hoje, o mercado trata notícias boas do lado fiscal como neutras, notícias neutras como ruins e ruins como muito ruins", avalia Pimentel, que destaca o impacto negativo da percepção dos agentes sobre a curva de juros e a taxa de câmbio.

"Caso se continue nessa trajetória, começa a ficar, sim, possível que nós entremos no regime de dominância fiscal. Se isso acontecer, a política monetária perderá potência com relação à sua capacidade de ancorar as expectativas de inflação", diz. *(Colaboração Eduardo Magossi, Maria Fernanda Salinet e Cristiana Euclydes)*

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Finanças Caderno: C Pagina: 2